

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceixeira


Assinatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assinatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa		
ANNO.....	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA	ANNO.....	25000
Semestre.....		Semestre.....	12500
Trimestre.....		Trimestre.....	4166
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — *Rua Formosa, 43*



Summario

Capa: OS VENCEDORES DA TAÇA LISBOA EM 1908 (Cliché de Benoitel) ● **Texto:** O CÃO QUE FALA, 5 illustr. ● 10.ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL, 6 illustr. ● AS EXEQUIAS DE D. CARLOS E DE D. LUIZ FILIPPE NA BAHIA, 1 illustr. ● A ACLAMAÇÃO DE EL-REI D. MANUEL EM LOURENÇO MARQUES, 2 illustr. ● NO HOSPITAL DE S. JOSÉ, 5 illustr. ● EXPOSIÇÕES ESCOLARES, 3 illustr. ● EL-REI NO COLLEGIO MILITAR, 6 illustr. ● SPORT NAUTICO, 8 illustr. ● QUEM É O REI DE PORTUGAL, 13 illustr. ● EXCURSÃO DA SOC. DE BELLAS ARTES, 11 illustr. ● LÁ POR PÓRA, 3 illustr. ● TOJOS E ROSMANINHOS, 8 illustr.

Agencia de Viagens  **R. Bella da Rainha, 8-Lisboa**

ERNST GEORGE Successores
FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem aumento nos preços. **Viagens circulares** a preços reduzidos e com itinerário à vontade dos viajantes na **SUISSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA**, etc. Viagens de re-reio no Mediterraneo e ao **Cabo Norte** (o Sol à meia noite). Viagens ao **Egypto** e á **Terra Santa**. Passagens para o **Brazil** e **Rio da Prata**. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDE

ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE

A. HOUDE, 29, Rue Albouy, Paris.

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de **J. Castello Branco**. — Preços excepcionaes. Grandes descontos para a venda no **Brazil** e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos.

J. CASTELLO BRANCO
 R. DE S. ANTÃO, 32, 34 E 82 — LISBOA

LOÇÃO DE QUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelullo **L. DE QUEANT Pharmacien, 38, Rue Clichoncourt, Paris** em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informacões precisas. A VENDA EM TODAS AS BOAS FARMACIAS DO PORTUGAL.

ESGROFULA :: CHLORO-ANEMIA
 Authenticas (de Paris)

PILULAS DE BLANGARD
 Exigir o verdadeiro Producto (assinatura, etiqueta verde, e endereço)

XAROPE DE BLANGARD

LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

40, Rue Bonaparte, Paris (FRANCE)

PRINCIA VIOLET
 NOUVEAU PARFUM
 29, Bd DES ITALIENS, PARIS

AGUA CASTELLO



PREMIADA em varias EXPOSICIONES de FORNECEDORES da CASA REAL

O PASSADO, PRESENTE E FUTURO REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: á incognita paravel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiognomonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpentigny Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada peos numerosos clientes da mais alta cathoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: **43, Rua do Carmo, sobre-loja — LISBOA.** Consultas a 4\$000 rs., 2\$500 rs. e 5\$000 rs.

Farinha lactea **Nestlé**
 Preço 400 réis

36 medalhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agricola de Lisboa

BAUME BENGUÉ
 Cura totalmento

RHEUMATISMO
GOTA
NEURALGIAS

D^o BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



O CÃO QUE FALA

GOYTAKIZIS, que por signal não é Goytakizis mas sim Gambôa, brasileiro, natural do Rio, filho de portuez, conseguiu esta coisa tremenda e, ao mesmo tempo, pittoresca: fazer falar um cão!

Nos tempos da *Caróchinha* e das fabulas d'esse querido e amavel Lafontaine, os animaes falavam. Mas esses eram philosophos, moralistas, tinham raciocinio, por vezes piada, bom humor, espirito. E falavam bem, se me faz favor.

Vermouth, o cachorro de Goytakizis, interrogado por mim sobre a conveniencia de ser entrevistado para a *Illustração Portugueza*, não disse que sim nem que não, — porque não disse nada, apesar de bem falante. Mas o artista prestou-se a ser interprete do cão; e foi assim que eu consegui conhecer a vida, habitos, tendencias, temperamento e mais habilidades d'este phenomeno, unico na sua especie.

Verdade é que, em uma carta inserta no jornal de Trévoux, de 1715, e dirigida ao abade de Saint-Pierre, Leibnitz conta ter visto em Leitz um cão que falava, conseguindo pronunciar cerca de 30 palavras, que repetia depois do dono. Um outro, que se encontrava em Berlim, em 1720, pronunciava, por sua vez, cerca de 60; mas o seu merito era inferior ao do primeiro, apesar da superioridade na posse dos vocabulos. A Bibliotheca Germanica explica que o respectivo dono se sentava no chão, com o animal entre as pernas, mantendo-lhe com uma das mãos a maxilla superior e com a outra a inferior. O animal começava então a rosnar; e o homem levantava, abaixava, aper-



Vermouth, o cão que fala

tava a maxilla, de tal modo que o rosnido se modulava em palavras, perfeitamente distinctas. nunca excedendo, comtudo, a quatro syllabas. Elisabeth era uma das palavras melhor pronunciadas; chá, café, chocolate eram egualmente bastante nítidas ao ouvido.

Goytakizis chegou a resultados mais maravilhosos, que eu adeante explicarei. Antes, porém, direi da genealogia do cão duas palavras.

Vermouth nasceu em casa de Gambôa, — de uma cadella de Campinas e de um cão de Paris — *cão-lobo* — *Gavroche* atrevido e piadista, que era o enlevo de quantas cadellas namoriscava por aquelles sitios. Creado com todos os mimos e cuidados, tinha o cão quatro mezes quando o artista encontrou a pedra philosophal do seu futuro.

Foi um verdadeiro acaso. O cachorro odiava os gatos, — como todo o cão que se preza. Goytakizis, um dia que *Vermouth* corria desesperadamente atraz de um felino, agarrou-o.

O cão rosnou. Tendo-lhe premido o focinho com os dedos, pareceu ao artista que o animal pronunciára a palavra *papá*. Foi uma revelação.

Continuou Goytakizis — Gambôa de seu nome verdadeiro — as radiosas pesquisas. Procurou, tacteou em todo o corpo do animal novas syllabas, novas revelações da *fala*; e apalpando com cuidados extremos as cordas vocaes de *Vermouth* chegou, ao fim de um anno, a resultados praticos, satisfatoriamente remuneradores da sua paciencia.





— Explique-me, Goytakizis, como extrae as syllabas da guella do cão...

— Simplemente:— as syllabas nasaes, sobre o focinho e o labio superior. Para pronunciar a palavra *Papá*, sobre a glotte. As syllabas em *r*, correndo o dedo na garganta de baixo para cima; em *Ca*, *Co*, etc., com uma ligeira pressão sobre as cordas vocaes da garganta. *Ma*, *Me*, *Mo*, com a união dos dois labios, inferior e superior. *T e D*,— um dedo na glotte e outro no labio inferior para o *T*; para o *D*, uma pequenissima differença, uma nada, como direi? — a passagem de um sustenido natural para um sustenido no piano...

: Gambôa chega ao ponto critico e desesperante das suas confidencias. Nunca conseguiu descobrir, no cão, a vogal *i*!

— Ah! meu amigo, mo sido todo o meu tormento. Se encontrasse as syllabas em *i*, poderia ensinar o meu cachorro a dizer: *Viva o rei!* ou *Viva a Republica!* Que successo seria!...

As phrases francezas que *Vermouth* pronuncia mais distinctamente são: *T'en as un oeil.* — *Ta gueule.* — *Au revoir.* — *Papa, maman est malade.* — *Empereur Edouard.* — *A boire.* Mas tem, no seu repertorio, muitas, mais de sessenta.

E', além d'isto, um animal intelligentissimo, com um *faro* finissimo.

Um dia, na Argelia, Goytakizis perdeu o cão. Procurou-o como doido por toda a parte e não

«Diga, Vermouth:—«Camarada...»

— Nunca mais deixei de estudar o meu cachorro. Finalmente, dois annos depois, debutava no Folies-Bergères, de Paris, com um estrondoso successo.

— Em que lingua fala o precioso *Vermouth*?

Goytakizis faz um gesto amplo, como quem quer abranger o universo inteiro.

— Todas as linguas, — mais ou menos. Mas principalmente o francez, que é idioma conhecido em toda a parte. E não só palavras mas phrases inteiras, completas, com a maior clareza. Logo que chego pela primeira vez a um paiz, trato de procurar as phrases mais conhecidas n'esse paiz para as ensinar ao cão.

— Tem viajado muito?

— Toda a França. Sai, pela primeira vez, para Milão, com um contracto de um mez: — fiquei na Italia um anno e meio! Depois, *fiz* Londres, a Russia, a Allemanha, a Argelia. Depois de Lisboa, Madrid, talvez o Mexico, New-York e, por fim, o meu paiz, o Brazil, onde nunca apresentei o cachorro.

Vermouth come de manhã sopas de leite; á noite, depois do trabalho, pão, legumes, carne e um punhado de linhaça em grão, para refrescar.

No tempo quente, uma hora antes do trabalho, seu competente banho. De resto, o seu tempo occupa-o ainda em passear duas horas e... dormir.



o encontrou. Desesperado, resolveu-se a recolher ao hotel. E quem ha de elle vêr á porta, esperando-o tranquillamente?— *Vermouth*.

Era a primeira vez que ia ali e era o primeiro dia que saía á rua.

Em Paris, ha mezes, estando a trabalhar no El-dorado, o artista, que levava pressa, metteu-se com o cão n'um *fiacre*. No boulevard Sebastopol o carro foi de encontro a um omnibus. *Vermouth*, assustado, escapou-se pela portinhola. Goytakizis apeou-se, procurou-o: d'esta vez era o aniquilamento completo da sua fortuna. Mette-se outra vez no trem para ir prevenir o empregario de que já não podia trabalhar, por falta de... *materia prima*.

Mas qual não é o seu espanto e a sua alegria ao vêr *Vermouth* á porta do palco, esperando-o.

—Olhe que não são menos de dois kilometros do boulevard Sebastopol ao El-dorado!

Goytakizis creou-se, pois, n'um meio theatral, que um dia lhe havia de servir, exgotados os recursos proprios, de fonte de receita para a sua vida, achada que fôsse a mina a explorar. Encontrou-a... n'um cão.

Quantos, devido ao cão, não se teem visto naufragados! Gambôa, pelo contrario, rejubila.

Vermouth é uma preciosa gade rara, uma especie de diamante que elle não vende, nem empresta, nem aluga por todo o dinheiro d'este mundo. Com



Como Goytakizis consegue fazer pronunciar ao seu cão a palavra Pão

Vermouth passeia, gosá, come, bebe, diverte-se. Contractos não lhe faltam: — são os francezes, os hespanhoes, os allemães, os italianos, os belgas, os russos, os turcos que o reclamam, pedindo *cão que fala* como quem pede pão para a bocca.

Mas Goytakizis, terminados os seus compromissos de momento, embarcará para o Brazil, sua patria. Attrae-o o torrão natal, como a luz attrae a borboleta; e, tambem, o seu orgulho de patriota todo se inflama, pensando nas manifestações de triumpho que o esperam no Rio de Janeiro quando, do alto de um tablado, elle começar a pronunciar as phrases sacramentaes:

— Meus senhores, minhas senhoras...

Será um delirio. Gritar-lhe-hão de todos os lados:

— Bravo, seu compadre...

E o *compade*, risonho, ufano da sua pessoa, sofrerá uma commoção intensa, aos seus olhos apontará uma lagrima de gratidão e de alegria, por se vêr entre os seus, aclamado, victoriado, levado em apotheoze...

Uma ultima nota para terminar: o pae de Goytakizis era natural de Lisboa. Chamava-se Candido Maria Gambôa. Foi maestro organista da capella imperial brasileira e o primeiro chefe de orchestra do Alcazar do Rio de Janeiro.

J. S.



X CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL
 A EXCURSÃO AO BUSSACO



A excursão ao Bussaco, dos delegados estrangeiros á conferencia telegraphica internacional, despertou no espirito de todos o mais vivo interesse, não só pelo encanto da pittoresca matta e pela gloriosa evocação historica que ella suggere, como ainda pelo quadro animado e original de festa aldeã, com danças e descantes locais, que os illustres excursionistas tiveram occasião de gosar e que lhes despertou justamente o mais elevado entusiasmo.



O Grande Hotel do Bussaco—Nos caminhos da matta—O largo do templo em dia de arraial
 — Um aspecto do lago—Um grupo de excursionistas



*Grupo dos membros da 10.ª conferencia telegraphica internacional, com as suas familias, tirado no Bussaco
por occasião da excursão do dia 6 de junho*

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

AS EXEQUIAS DE D. CARLOS E DE D. LUIZ FILIPPE.
NA BAHIA



A ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. MANOEL II

EM LOURENÇO MARQUES



Exequias realizadas na Bahia no dia 27 de fevereiro de 1908 por El-Rei D. Carlos
(CLICHÉ DE R. A. READ)
—Uma salva de infantaria— A cerimônia da aclamação na camara municipal
(CLICHÉS DO SR. PACIFICO DE SOUZA)

NO HOSPITAL DE S. JOSÉ

A VISITA DE EL-REI



A chegada de El-Rei ao hospital—Atravessando o pateo interior de S. José
 —Nas enfermarias: o Rei confortando uma doente—Saindo do gabinete de radiographia
 —O Rei no fim da visita, despedindo-se do enfermeiro-mór, dr. Curry Cabral
 e elogiando as condições do hospital

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

EXPOSIÇÕES ESCOLARES



Em Villa Franca de Xira:
Exposição de trabalhos escolares
promovida pelo Centro
Escolar de Villa
Franca de Xira: Aspecto
da exposição
— As alumnas e ajudancia
da escola feminina a caminho
da exposição

新々々々

Em Vizeu: Exposição
de photographias e bilhetes
postaes de Portugal
e colonias pelos alumnos
da 2.ª classe,
1.ª turma, do Lyceu Central
de Vizeu



SPORT NAUTICO

A TAÇA LISBOA



A chegada do outrigger «Tejo» da Real Associação, vencedor da Taça
—A Taça Lisboa e o jury da regata (CLICHÉ DO AMLDOR FERRIN)—A tripulação do outrigger «Tejo» vencedor
da corrida da Taça: timoneiro Sá Pereira, remadores Fernando Cabral, Fernando Costa, José Duarte Junior—A tripulação
do inriggers «D. Afonso»: timoneiro J. Correia da Silva,
remadores Freitas Mello, Victor Ryder, Leonel Ryder, Ernesto Ryder, William Stiltwel—O gasolína «Invicta»
do sr. Charles Bleck evolucionando—O inriggers «D. Afonso»—Aspecto do rio na occasião da regata
(CLICHÉS DE BENOLIRL)

EL-REI NO COLLEGIO MILITAR



O sr. ministro da guerra—S. M. El-Rei D. Manuel II com o corpo docente do Collegio Militar—O jogo da Rosa em patins



O assalto ao portico—Orpheon dirigido pelo professor Guilherme Ribeiro
—Exercícios de esgrima

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

QUEM É O REI DE PORTUGAL.



O almirante Ferreira do Amaral
Primeiro presidente
do conselho
de ministros d'El-Rei
D. Manuel
(CLICHÉ BOBONE)

(Continuado do n.
120)

A sua curiosidade insaciavel e investigadora surprehende os cortezaos e os ministros.

De pé ás sete da manhã, o pallido rei de dezoito annos, que uma inflexivel pragmatica de panico retem prisioneiro no seu paço desde 1 de fevereiro a 25 de abril—em que o deizam sahir, envolvido n'um enxame de cavallaria, através as ruas desertas da sua capital, para assistir ás exequias dos Jeronymos—revela á côrte surprehendida, mal se repõe do abalo moral que o atordou, essa varonil energia com que a consciencia da responsabilidade arma e emancipa as almas fortes. Vêem-no crescer, fazer-se homem, no instantaneo praso de alguns dias. Sob a sua candida brandura, todos os que gravitam em volta da realzea presentem a fortaleza de uma vontade, que começa a exercer-se, pertinaz e methodica. Onde alguns suppunham encontrar a passividade de um artista, devaneador e abstracto, surge um Principe moldado na legendaria teição moral de D. Pedro V. Ao programma funesto, que teve por divisa *difamar os politicos*, elle oppõe esse outro programma salvador: *rehabilitar a politica*. Precocemente collocado á frente dos destinos de um povo, na idade em que

no homem se elabora o caracter pela assimilação moral da vida ambiente, póde afoutamente dizer-se que o povo será d'esta vez o grande e responsavel educador do seu rei. A' sua imagem e semelhança o fará. Servil-o com fervores sentimentaes de zelo e conquistar-lhe e merecer-lhe a confiança e o amor, taes são, n'esta hora de noviciado real, as aspirações do soberano. Como vae o povo responder a esse credulo e sensivel adolescente? Este rei juvenil, que inaugurou o seu reinado apaziguando os exaltados com um gesto de bondade e de

clemencia, se não é ainda uma vontade consciente, norteadora por principios definidos, servida por resoluções viris, guiada por opiniões pessoas e voluntarias, é já—ninguem o duvide!—uma intelligencia attenta a todos os ensinamentos e um coração ainda convalcente de um profundo golpe e por isso mesmo em disposição especialissima para as absorções salutarres da verdade, da justiça e do bem. O rei de amanhã está, n'esta hora historica, a fazer-se. Depende da nação que elle resulte, como seu magistrado supremo, o transumpto das suas aspirações, o guar-



O primeiro retrato de D. Manuel II
(Fevereiro de 1908)

(CLICHÉ DE BENOLIEL)



O marquez do Lavradio
Secretario particular d'El-Rei
D. Manuel

(CLICHÉ BOBONE)

da vigilante dos seus interesses, o executor desvelado das suas vontades, o defensor obstinado das suas regalias, o paladino entusiasta das suas prosperidades.

Ao conselheiro Antonio de Azevedo, que ia visital-o como presidente da camara municipal de Lisboa, perguntava o rei:

—Que é preciso fazer, conselheiro, para ser amado de todos os portuguezes?

Quizeramos que a vontade unanime dos que, acima das suas paixões impetuosas, são ainda capazes de encarar com esperanças o futuro, rehabilitasse essa interrogação anciosa e ingenua e, consoante as suas convicções, lhe respondessem. Não

que acreditemos que d'esses juizos sentenciosos houvesse de resultar para

o moço rei a formula magica do universal amor.

Mas porque elles constituiriam, sem duvida, o diagnostico seguro da perigosa doenca de incerteza, de contradicção e de ancia inquietante que devasta o pensamento portuguez n'este abrir perplexo do seculo xx...

Seria exorbitar do objectivo modesto que orientou os diversos capitulos d'este desvalioso trabalho jornalistico o proseguirmos n'este ensaio biographico. (1)

Desde a hora em que o destino o colloca no throno, os actos de El-Rei D. Manuel passam a ter a publicidade official que torna desnecessario o prolongamento de uma biographia despida de elevação historica, através a qual fizemos passar em rapidas evocações, como tremulos quadros cinematographicos, a creança devaneadora e caprichosa, o adolescente meditativo e romantico, descendente de gerações de legisladores, de artistas e de heroes, resultante complexo de uma arvore genealogica cujas raizes se perdem nos alvoroços barbaros da Edade-Média e a cujas vastas

sombras se acolheram, se dilataram, se engrandeceram e evoluíram os povos latinos. Póde não ser o retrato que acabamos de traçar o

de um rei de cortezãos e de soldados. Com quanto jubilo intimo o constataremos! Porque é de um rei assim que Portugal carece, mais clemente que bellicoso, mais sensível ás provações dos seus subditos do que ás lisonjas dos seus au-

licos, contando mais com o prestigio da justiça do que com a força das armas, aspirando mais a ser o rei do seu povo do que a divindade dos seus favoritos!



A effigie de D. Manuel II
Modelada pelo illustre escultor e medalhista
Simões d'Almeida Sobrinho e destinada
á moeda do novo reinado
(CLICHE DE BRNOJEL)



D. Margarida de Sequeira

(1) Parece-nos interessante deixar aqui consignada a primeira biographia que de D. Manuel se escreveu. Assigna-a a sr.^a D. Margarida de Sequeira e vem publicada, com o titulo *O Senhor Infante D. Manuel*, no Almanach das Creanças, de 1892, editado pela livraria Antonio Maria Pereira, e em que collaboravam algumas das mais illustres senhoras portuguezas, entre as quaes D. Thereza Ponte, que assigna com o pseudonymo de Ruth uma pequenina biographia do Principe Real. Então, a biographia de D. Manuel cabia n'estas vinte linhas graciosas: *O senhor Infante é muito bonito e muito meigo, tem umas lindas mãosinhas muito brancas, com esfoladas de d'inho. Os olhos, escuros, um bocadinho melancolicos; a bocca, pequenina, muito rosada e muito linda. Parece um morango, essa boquinha, que por ser de um Infante se não deve comer... com beijos. No seu olhar melancolico o lindo Infante parece perceber a razão porque o pompan a uma alluvia de beijos nas suas faces de acucena e estende reganhente a mãosinha para lh'a beijarem. Sua Alteza, por emquanto, não tem biographia. Corre, toca realleo, atrá os brinquedos ao ar e parece insensível á fadiga.*



El-Rei D. Manuel sahindo dos Jeronymos depois
D. Carlos I e de

da celebração das exequias officiaes por alma de
D. Luiz Filippe

Para que occultar porém a verdade dolorosa? Se o primeiro Manuel presidiu aos destinos de um reino caminhando para o zenith da sua grandeza, allumiado pelos fachos da Renascença, que o genio do Infante taciturno accendera em Sagres, o segundo Manuel sobe ao thrôno para reinar n'um paiz em ruinas, sobre o qual as sombras crepusculares da duvida descem seus véos de perplexidade e de incerteza. Em redor de si encontra, sentado n'esse mundo arruinado, uma mocidade apprehensiva e sem esperanças, que parece votada a um sacrificio—tal como essa outra que o poeta descreve na *Confession d'un enfant du siècle*, quando a Europa, mutilada e exangue, depois que serenaram os estrepitosos echos da tempestade bellica de Bonaparte, circumvagou os olhares melancolicos pelos escombros de um mundo que ruira. A essa hora perplexa, que antecedeu, como um fatigado descanço, a construção colossal de um mundo novo, chamou-se o *romantismo*. Será desfigurar a verdade historica sob as roupagens da rhetorica o reconduzir Portugal a esse passado, que ouviu os conciliabulos dos conspirado-

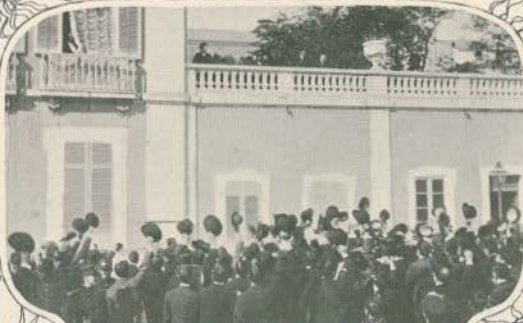
res de 1820, que escutou os furores demagogicos do club dos Camillos e presenceou a democracia romanescas de Passos Manuel e dos casacas de briche?

Que foi a aclamação de D. Manuel senão uma pagina de romantismo, digna de ser illustrada pelo pincel genial de um Sequeira? Como negar que a cerimonia de 6 de maio se desenvolveu n'uma atmospheria accentuadamente romantica, a que só faltou o guarda-roupa dos chales de Tonkim, dos bandós, dos chapéus azues e brancos á constituição, das saias de trinta folhos da modista Burnay, das casacas de panno lemiste, dos rostos glabros e das gravatas de duas voltas?

Quando, ao som do hymno real, os porteiros da camara, os arautos, os passavantes e os reis de armas transpõem a porta de carvalho e marmore, sob a tribuna do corpo diplomatico, um fremito de curiosidade ansiosa percorre as archibancadas, onde, n'um só movimento, duas mil pessoas se levantam. Como a solemnidade romper, com seus privilegios de gala, o luto da côrte, a sala tem a decoraçao colorida dos pri-



S. M. a Rainha D. Amelia sahindo
dos Jeronymos depois
da celebração das exequias
(CLICHÉS DE BENOLIEL)



No dia da acclamação
S. M. a Rainha
agradecendo
as manifestações no
terraceo
das Necessidades

El-Rei D. Manuel
descendo
do coche á porta
da Camara
dos Deputados.

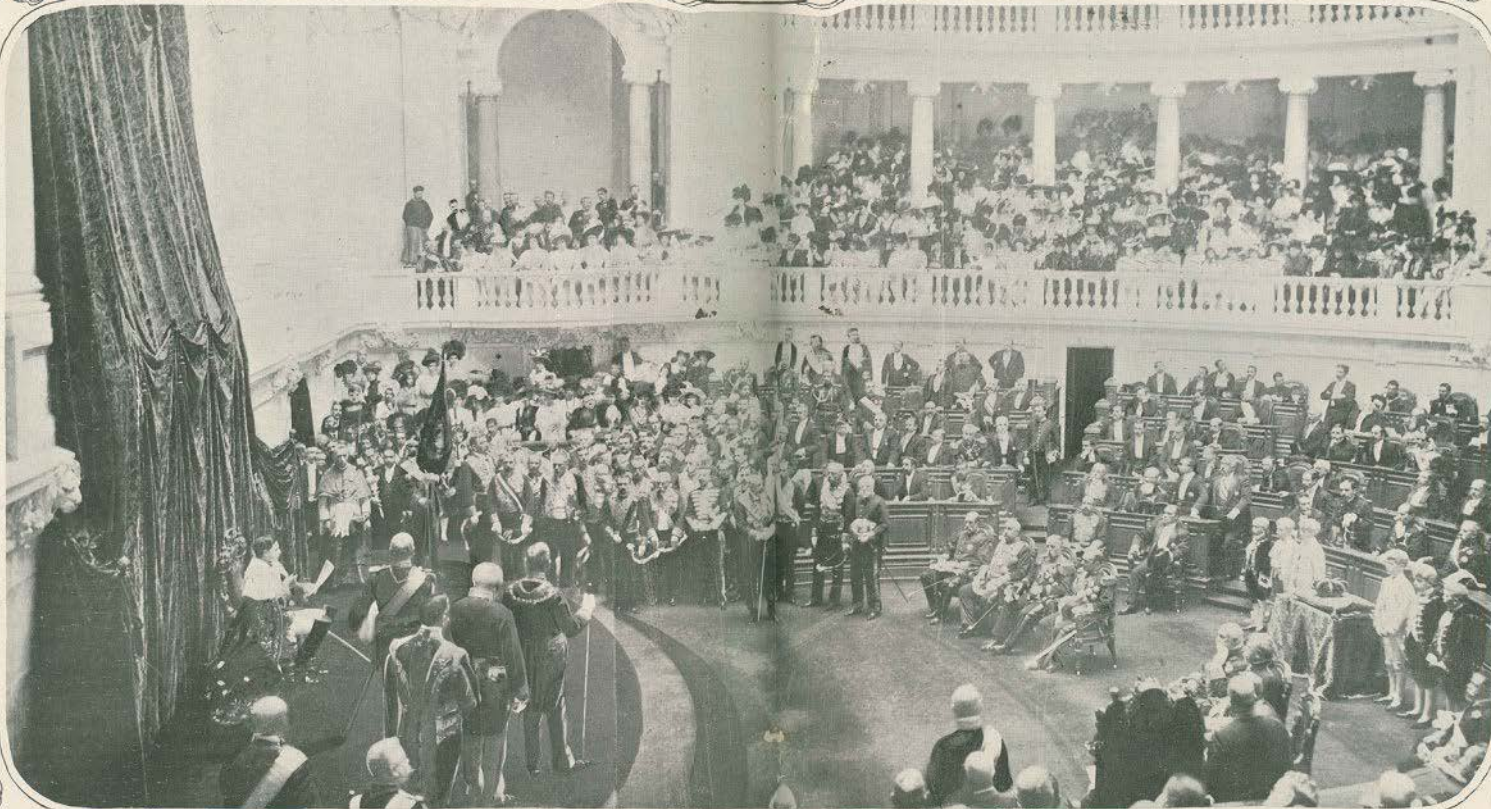
meiros vestidos de
verão, que a engral-
dam a toda a
volta do hemicyclo
e fazem similar as
tribunas a *corbeilles*
colossaes, onde tre-
mulam as *aigrettes*
e as plu-
mas so-
bre as ro-



sas e as rendas dos cha-
péus. O cortejo desfila
na teia tapetada de en-
carnado, com seus or-
namentaes anachronis-
mos, onde os pequenos
moços-fidalgos, trajados
á Luiz XV, como as
ampliações das figurin-
has de um leque de
Watteau, põem uma no-
ta graciosa e gentil. E'
depois a côrte que passa,
precedida por D. Luiz
Lobo da Silveira, con-
duzindo a corôa real so-
bre uma almofada de
velludo carmezim ago-
loado a oiro, e pelo
conde de Figueiró, mes-
tre-sala, empunhan-
do o bastão branco
do seu cargo pala-
tino. O marquez de
Castello Melhor des-
cobre a cadeira do
throno, que um pan-
no de damasco, se-
gundo uma myste-
riosa e indecifrável
pragmatica, occulta
como um sacrario
da vista profana dos
espectadores. Quando o mordo-
mo-mór, conde de
Sabugosa, precedi-
do por seu filho o
conde de S. Lou-
renço, alferes-mór,
que conduz o es-



No dia da acclamação
El-Rei D. Manuel saudando a bandeira do regimento de cavallaria
(CLICHÉS DO AMADOR WORM E DE BENOLIEL)



Aspecto geral da sessão solenne da acclamação de El-Rei D. Manuel II realizada na sala dos deputados, a 6 de maio de 1908

(CLICHÉ DE BENOLIEL)

tandarte real, entra na sala, dando a direita ao velho duque de Loulé, neto de D. João VI, e a esquerda ao marquez de Fayal, commandante da guarda dos archeiros, um sussurro desce das tribunas cheias de senhoras e que dir-se-hia o rumor de milhares de beijos simultaneos. E' que, atraz do Infante D. Afonso, que empunha, como condestavel, a espada legendaria de Nun' Alvares Pereira, avança o chefe do Estado com o grande uniforme de generalissimo, o calção justo de anta, a bota de polimento negro á Chantilly com esporas de ouro, a banda das tres ordens, o collar da Torre e Espada, e, pendente dos hombros frageis, o manto real de velludo carmezim com cabeção de arminhos e todo bordado a quinas e castellos de ouro.



Para esse adolescente, que a orphandade fez rei, se dirigem todos os olhares. Muito pallido, D. Manuel sobe os degraus encarnados do throno. Deante da scena theatral, que é o desenlace d'uma tragedia, todos os corações se commovem. As lagrimas descem pelas faces das mulheres n'uma crise contagiosa de sentimentalismo. Quasi nos surpreendemos de vêr que essas mulheres sentimentaes não estão vestidas á 1830 e que no lugar do conselheiro Ferreira do Amaral não esteja o vulto juvenil e romanesco de Passos Manuel! Que outro mais do que elle seria digno de presidir ao primeiro ministerio d'esse rei de dezoito annos enamorado pela Lei e pela Justiça, cujo romantico coração tão bem comprehenderia os arrebatamentos e as vehemencias do de-



putado do Porto? Separou-os o destino, que deveria juntal-os. Em vão os nossos olhos procuram na sala, entre os deputados e os pares, a revivescencia do tribuno ardente, idolo do povo, immolado pelas ambições soffregas dos politicos e por um conluio do paço. Se alguém com elle se parece, na alma pura e na candida fé, esse é ainda aquella creança de manto real, com a sua pallidez de donzella, que tão ardentemente sublinha as passagens da sua allocução, em que protesta a observancia escrupulosa da Lei e o amor pelo seu Povo...

Esta cerimonia da acclamação de D. Manuel nem se parece com as ceremonias identicas que a precederam, nem poderia revestir o caracter singular que para sempre a tornará memoravel, se a divorciassemos das circumstancias tragicas de que ella foi a natural consequencia. O romantismo foi em Portugal, como em toda a Europa, uma crise de sentimento, provocada pela reacção contra as luctas do movimento revolucionario, desflagrado na conquista da Liberdade. Não admira que, resuscitados os componentes d'esse phenomeno historico, elles produzissem o mesmo phenomeno moral. Para descrever o que se passou n'essa sala da representação nacional, que a dicta

dura trancára como um estabelecimento escandaloso, seria necessario recorrer ao estylo fóra de moda dos escriptores do romantismo.

Nas tribunas, uma nuvem de lenços agita-se sobre as flôres dos chapéus de verto, como um enxame de borboletas brancas. Salvas de palmas estrondeiam. Os prelados acenam com os seus chapéus de borlas. De pé, com os olhos marejados de lagrimas, o Rei agradece, com a mão direita sobre o coração, a mão esquerda nos punhos de ouro da sua espada. O contagioso delirio propaga-se á propria tribuna do corpo diplomatico. Por tres vezes, vergando ao peso do manto, o Rei senta-se, para voltar a levantar-se, repetindo o mesmo commovido gesto, que procura aplacar as infundaveis acclamações com que o saudam.

Então, um diaphano vulto, que ninguem percebe na sua immaterialidade, mas cuja presença todos sentem, sobe, sem genuflexões, os degraus vermelhos do throno. E tomando na sua mão transparente a mão pallida do Rei, a *Liberdade* diz-lhe:—

«Vem commigo!»

A Historia dirá mais tarde para onde a Liberdade conduziu o Rei de Portugal.

C. MALHEIRO DIAS.



El-Rei D. Manuel regressando ao paço das Necessidades acclamado pelo povo (CLICHÉ DE BENOIÉL)

EXCURSÃO DA SOCIEDADE DE BELLAS ARTES A COIMBRA.



No convento de Santa Clara

(CLICHÉ DA PHOT. MEDINA)

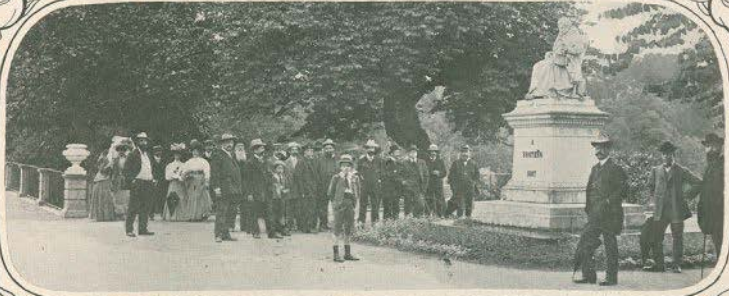
Por uma fresca manhã, deliciosa para viagem, abalavamos de Campanhã em direcção a Coimbra. Em Gaia devia juntar-se-nos Teixeira Lopes, o glorioso escultor, e de facto lá o abraçavamos poucos minutos depois, e lá tínhamos também seu irmão José, o architecto, e seu honrado pae, a linda cabeça de propheta biblico, artista igualmente, querido de nós todos.

Outros se nos juntaram mais. Nem faltou, para o primor do convívio, a distincção das senhoras. Os cumprimentos trocavam-se cheios d'affecto. As meninas garrulavam. Que alegria tão íntima a d'essa juventude em flôr!

Assim fomos, talvez sessenta, em grupo que a Sociedade de Bellas Artes do Porto desta-

cou, visitar ha poucos dias a velha Coimbra sempre rejuvenescida, a terra de encantos e de saudade.

Mas eu não sirvo para chromista d'esse delicioso passeio. E' verdade que me pedem sómente umas notas ligeiras, pois que as impressões d'arte as descreverão outras pennas de especial competencia, em um numero unico com que a Sociedade vae commemorar a sua ultima excursão; mas apesar d'isso não farei coisa de geito. Longe de se concentrarem, os meus pensamentos divagam. Olhando Coimbra, não vejo exactamente o que olho. A' semelhança dos poetas que, no dizer de Daudet, são homens *qui ont gardé leurs yeux d'enfant*, vejo Coimbra com os olhos dos vinte



Os excursionistas no Jardim Botânico, junto da estatua de Brotero
(CLICHÉ DE ALBERTO MARÇAL BRANDÃO)



Grupo de meninas excursionistas: (Da esquerda para a direita) D. Gardner Andressen, D. Julieta Brandão, D. Beatriz Brandão, D. Eugenia Ramos Finto, D. Etiza Andressen, D. Maria Antonia Ramos Pinto, D. Maria Afflato
(CLICHÉ DE ALBERTO MARÇAL BRANDÃO)

annos, povoada dos que lá viveram commigo, atravez d'um sonho que se não dissipou de todo.

Eugenio de Castro foi, se bem me recordo, o primeiro que appareceu a saudar-nos. E, ante o poeta dos *Oaristos* e o professor illustre que elle é da Escola Brotero, eu via outro Eugenio, o que sahia apenas da meninice, rosado e meigo, a recitar lindas coisas no Theatro Academico ou a dizer-me os seus primeiros versos em troca de outros meus que eu lhe dizia.

Admirá-mos a Sé Velha, Santa Cruz, Santa Clara. O artista de raça que Antonio Augusto Gonçalves syntetisa, o dr. Joaquim Martins de Carvalho, alma apaixonada de belleza, o sr. Joaquim de Vasconcellos, conhecedor profundo dos nossos monumentos, erudito raramente equalavel, abriram a caudal dos seus conhecimentos e do entusiasmo artistico. De preferencia, porém, á reconstituição soberba, d'uma rara honestidade d'arte, da velha Sé, eu seguia n'um evocar de sonho a reconstituição do

meu passado, ali perto, na estreita rua do Cabido cheia de mysterio.

E em Santa Cruz e em Santa Clara...

... Na torre da Universidade batem as horas. Parece que são ainda as mesmas horas da minha juventude.



Em fóco! — Um grupo de excursionistas

Lá no alto, na Sé Nova e no Paço esperamos o sr. bispo, — como diz o Eugenio, n'uma formula inalteravel de respeito, que elle usa, mesmo na ausencia do venerando antistite.

Entramos. O atrio senhorial do Paço é de bello effeito decorativo. Ao fundo, por entre uma arcada em que sobrepuja uma galeria, avistam-se mon-



Saindo da Sé Velha
(CLICHÉ DA PHOT. MEDINA)

tanhas verde-azuladas e o Mondego com o fio d'água a luzir ao sol. No andar nobre, o sr. bispo-conde dá-nos prazenteiro as boas-vindas. Mostra-nos as suas flôres, que cultiva com esmero, e digna-se acompanhar-nos em seguida ao thesouro da Sé. Magnifico este museu d'arte sacra, onde fulgem valiosos labores da ourivesaria portugueza, para cuja historia lá existem elementos que remontam ao seculo XII.

E o sr. bispo tem para as damas um galanteio. Sente não haver ali joias sufficientes para todas!...

Que pena! Tão linda aquella esmeralda grande!

Eis-nos de novo a céu descoberto. Descemos a escadaria da nova cathedral. Aqui, n'uma noite de luar, ha talvez vinte annos, estendiam-se as nossas capas negras — meus companheiros de então! — e o Jayme, o bohemio, o Jayme da guitarra, fazia chorar as cordas da sua banza, cheia de segredos e de amores. Acolá, sob o salgueiro, a Piedadesinha poisava a



Os tres grandes cicerones de Coimbra
Drs. Quim Martins, Eugenio de Castro
e Antonio Gonçalves



Joaquim de Vasconcellos
Quem dirige as excursões da Sociedade

bilha arabe, e emquanto esperava poder enche-la, era de vêr a elegancia d'aquella estatura e a correção do seu perfil de hebraica.

Depressa, depressa! O dr. Joaquim Martins quer ainda mostrar-nos o Museu Archeologico!

São bem estes, não ha duvida, os olhos do Quim Martins. Reluzem de vida — felizmente, felizmente ainda! — mas a quella grande barba branca de propheta é que lhe eu desconheço, como elle desconhecerá os

fios que começam a alvejar sobre esta cabeça e que em breve me relegarão tambem para o numero das coisas archeologicas.

Depressa! que ainda quero mais uma vez passear sob as tilias do jardim, olhar outra vez a flôr do ponto, que vae murchando, mas que, mais feliz do que nós, todos os annos renova, lançar um ultimo olhar a tudo que me é caro, — aquella rua onde ficou parte da minha vida, ao Penedo da Saudade, que me suavizou nas horas de melancholia, ao Choupal verdejante e profundo, onde cantavam outr'ora os rouxinóis!



No Paço Episcopal: Os excursionistas recebidos pelo sr. Bispo Conde
(CLICHÉ DA PROT. MEDINA)

Mas o que não significará para mim uma saude n'esta bella Coimbra?!



Monterroso, meu amigo, ó engraçado caricaturista: aqui tem as ligeiras notas que me pede. Estou talvez a merecer-lhe caricatura com a elegia que afinal ellas traduzem. Caricature á vontade.

A lagrima é livre. A caricatura tambem.

BERNARDO LUCAS.

Nota da redacção — A chronica do passeio a Coimbra promovido pela Sociedade portuense de Bellas Artes está feita no artigo de Bernardo Lucas, que acompanha as graciosas caricaturas de Manuel Monterroso e as photographias que reproduzimos. Ahí se narram os passos d'aquella jornada artistica, e ao mesmo tempo que o poeta, cheio de saude, evoca as lembranças da sua mocidade e da vida universitaria, dá-nos fugitivas impressões das visitas aos museus e collecções. O intuito educativo da excursão, tal como foi concebida e realisada, é evidente, e não pôde deixar de reconhecer-se o superior e excellente criterio

com que está sendo dirigida a novel sociedade artistica portuense, nem o valor dos esforços que emprega para a consecução do seu fim sympathico. O Porto, que tem brilhantes tradições artisticas, entregou sem duvida a boas e desveladas mãos o encargo de as não deixar perder.

A Sociedade de Bellas Artes do Porto tem pouco mais de um anno de existencia, parece-nos, mas, em tão curto praso, tem dado provas de uma iniciativa arrojada. Deve-se-lhe, por occasião do centenário de Vieira Portuense, a exposição da obra do grande pintor; depois uma exposição, igual á feita pela *Ilustração Portuguesa*, dos admiraveis trabalhos ceramicos de Raphael Bordallo Pinheiro, e ainda ultimamente, ha tres mezes apenas, o seu primeiro certamen annual, tão lisonjeiramente concorrido, em que figuraram diversos trabalhos de incontestavel merito artistico, alguns dos quaes não estarão ainda decerto esquecidos dos nossos leitores.

Mas, embora devesse considerar-se já bastante, não parou n'estas tres exposições a iniciativa infatigavel da Sociedade de Bellas Artes do Porto. Estabeleceu cursos livres e organisou agora



O doutoramento dos Teixeira Lopes
Antonio, Pae, José



Grupo dos excursionistas da Sociedade
(CLICHÉ DE ALBER-

de Bellas Artes do Porto a Coimbra
TO MARÇAL BRANDÃO)

esse interessantíssimo passeio a Coimbra, proporcionando às pessoas que n'elle tomaram parte os mais preciosos e auctorisados guias que poderiam escolher-se para mostrar as riquezas artisticas da gloriosa cidade universitária.

Eis o que com uma rara actividade tem feito até aqui a novel associação portuense, e mais largos ainda são os pensamentos que ella se empenha tenazmente per levar á execução. Póde calcular-se, pois, quanto, em um meio avêso como o nosso a manifestações de arte, geralmente estranho a toda a cultura esthetica, representa de energica teimosia, de esforçada vontade, de luctas e de combates, tudo isso que tem sido conseguido, por um modo tão brilhante, em tão restricto periodo de tempo. Decididamente, os homens que o alcançaram são verdadeiros benemeritos e o valor do serviço que elles estão prestando avulta como um dos mais efficazes para o desenvolvimento civilizador do paiz.

Effectivamente, sob o ponto de vista artistico estas deploravelmente atrasados;

não ha quem possa negal-o, quando a cada passo se nos deparam os lastimaveis depoiamentos d'esse atrazo, no abandono a que estão votados os nossos mais preciosos monumentos e todas as reliquias hísticas nacionaes, e na indiferença com que se olha systematicamente para todas as coisas de arte. O meio unico de reacção contra tal estado de coisas só póde consistir no desenvolvimento da cultura artistica do paiz, e perante o impulso insignificante, ou quasi nullo, que se deve ao Estado n'esse sentido, é na iniciativa particular,

como esta da Sociedade de Bellas Artes do Porto, que devemos pôr alguma fé e esperar com alguma confiança.

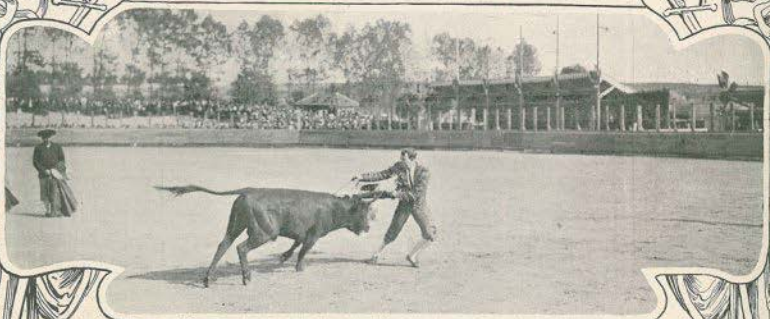
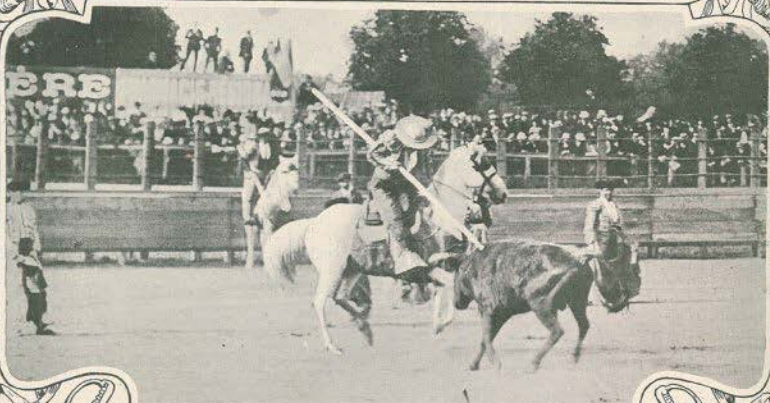
E' por isso que a *Illustração Portuguesa*,—que desde muito se esforça por interessar o publico nacional n'uma ordem de assumptos que lhe são fundamentalmente essenciaes no ponto de vista do seu progresso, e dentro das suas forças tem promovido já diversas exposições artisticas, cuja serie breve vae ser reatada,—não póde esquivar-se a louvar o bello exemplo que está dando a Sociedade de Bellas Artes do Porto.



Os guias da excursão (da esquerda para a direita): srs. Antonio Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcellos, Eugenio de Castro, dr. Joaquim Martins de Carvalho
(CLICHÉ DE ALBERTO MARÇAL BRANDÃO)

LÁ POR FÓRA

A PRIMEIRA CORRIDA DE TOUROS DE MORTE EM REIMS (FRANÇA)



As cortezias—Uma sortie de vara—Um par de bandarilhas

(CLICHÉ DE M. BIANGER)

FIGURAS E FACTOS



*A eminente actriz italiana
Eleonora Duse
por occasião da sua visita
ao Conservatorio de S. Paulo*

*O Conservatorio Dramatico
e Musical de S. Paulo,
devido principalmente á iniciativa
do sr. P. A.
Gomes Cardim, seu actual
director-secretario.*

*O sr. Carlos Singelmann, consul
de Portugal em Brunswick,
com sua familia.*

*O sr. Singelmann, que por mais
de uma vez tem estado
no nosso paiz com a sua familia,
é um bom amigo
de Portugal, como o tem provado
nos seus escriptos
e conferencias.*



*O baptizado de uma gata: As personagens da cerimonia galhofeira da parodia
do baptizado de uma gata, realizado por um grupo de rapazes socios do Atheneu Commercial,
n'aquelle sociedade, no dia 21 de maio*



Os boers em Angola

Os prisioneiros Lukuna e irmão de passagem para Mossamedes.

—O boer Andrijs Alberts e seus filhos, expedicionários auxiliares na columna ao Cuamato em 1907

—Uma vista da Humpata

(CLICHÉS DO PHOTOGRAPHO AMADOR TELLES GRILLO)



DR. EURICO DE SEABRA.—O sr. dr. Eurico de Seabra, auctor do livro de contos *Mulheres de Portugal*, é um escriptor de elevado merecimento, cujos vastos recursos de prosador estão desde ha muito affirmados não só em valiosos trabalhos de caracter litterario, entre os quaes destaca com vantajoso relevo este agora publicado, como em importantes livros versando assumptos juridicos e sociologicos.



ANTONIO JOSÉ DE LEMOS.—O senador Antonio José de Lemos, intendente municipal de Belem (Pará), a quem são devidos os grandes melhoramentos realisados na cidade.



Um club colonial:—Grupo de fundadores e associados do Club de S. Thomé, que começou a funcionar já ha mezes—A instalação do club

ZOLA NO PANTHEON



A cerimonia da trasladação dos restos mortaes de Emile Zola, do cemiterio de Montparnasse para o Pantheon, que se realizou em Paris no dia 4 do corrente, originou diversas manifestações e contramanifestações, que serviram e pretexto para a realização de numerosas prisões e que terminaram com o lamentavel incidente do jornalista Gregory, que disparou contra o major Dreyfus dois tiros de revolver, um dos quaes o feriu n'um braço profundamente, mas sem gravidade.

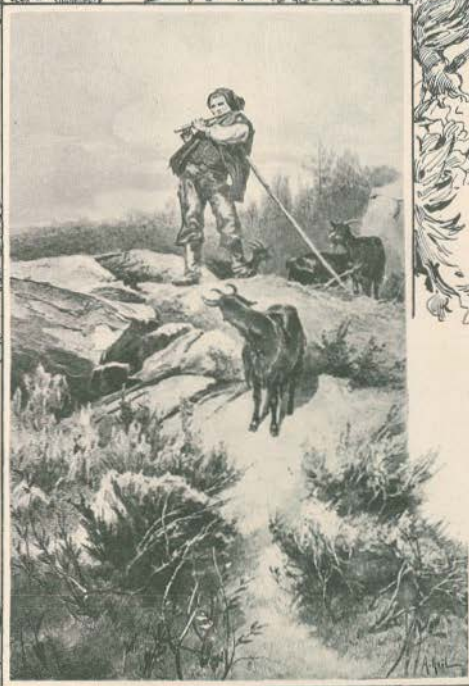
*O desfile das tropas em frente do Pantheon
— Prisão do sr. Gregory depois do seu attentado contra Dreyfus
(CLICHÉS DE M. BREINER)*

TOJOS e ROSMANINHOS

MOSTRAS e valles, hortas risonhas e nos regatinhos a agua d'uma nora chilreando beijos em tardes quentes, charnecas vastas onde as cobras se arrastam sinuosas pelos mattos, penedias onde as cabras vão trepando e de cujos altos os pastores atiram os olhos longos e scismadores pelas ondas floridas dos mattagaes, pinhaes que sussurram queixas, ribeiros rugindo coleras, charcos espelhando estrellas, por toda a parte uma alma geme ou canta, conta n'uma amargura tristeza ou livre se expande em alegrias.



Alfredo Keil



Alvoradas de primavera em que os zangões zumbem pelos ares e sobre o mar verde e branco das estevas em flôr se baloiçam as abelhas afanosas e vôam doidas as borboletas, ebrãs do orvalho que beberam nos calices pequeninos das urzes; tardes que, recolhidos nas sombras, calados os passarinhos, as cigarras festejam, estridulas, poisadas nas oliveiras; noites estrelladas que semeiam um pó brilhante nas folhas polidas dos carrasqueiros, e em que diz seus threnos o rouxinol poeta e geme seus males o mocho philosopho; ainda a madrugada vem longe, já o melro se pôz a rir de tanta poesia amorosa, de tanta philosophia inutil! Horas de primavera, todas falam d'amor. Estrellas e abelhas deram o brilho do seu ouro aos olhos das serranas.

Vem o inverno; encheram-se as ribeiras que trôam lá em baixo, branqueando com seus flocos de espuma os rochedos das curvas; lufadas lugubres vergam os pinheiros chorosos; mal aconchegados no leito, tremem de frio os pobresinhos, de fome ás vezes, com tantos dias sem trabalho; uivam os lobos mais perto do povoado; por entre as nuvens que o noroeste esfarrapa, corre a lua; os lavradores ollham para o céu e e

«... A phase codenciada,
Que alem se faz ouvir no monte pedregoso,
Todo o rebanho enteva...»

teem calafrios supersticiosos quando a coruja ri na torre da igreja.

A lareira, contam-se historias, que as noites são longas e frias e não ha modo melhor de entrete-las.

O lume crepita e, quando o atiçam, enche de relampagos a bateria de cobre; as sombras movem-se, quebradas nas paredes e no tecto, como em dança phantastica de corcundas gigantes.

Vão-se as historias engranzando, conforme vem a pello: a anecdotta abregeirada, a tragedia que arrepia, as lendas que as velhinhas em pequeninas ouviram a outras velhinhas. Contam-as com as mesmas palavras em que foram ha seculos inventadas. «Era uma vez... e foi a palacio... e eis senão quando... mas qual foi o seu espanto...»

As serranitas abrem n'um encanto os olhos bonitos e apuram os ouvidos, que hão de ser velhinhas um dia e hão de contar a historia aos netos.

Aos netos!... Que é d'elle o noivo?

Sobre o cantochão lá de fóra, borda suas variações a panella muito alegre, chilreando ao lume. Depois calam-se todos, a chamma no lar esmorece, fagulhas correm na madeira carbonizada, cada qual deixa fugir, pairar por muito alto a phantasia.

E Alfredo Keil estava com elles, e assim meditou seus primeiros versos, nos valles, n'uma aldeiasita que sorri entre pinbaes, não muito longe do Zezere, umas leguas acima de Thomar.

Levou para lá uma caixa de tintas, um cavallette, dois metros de tela e um rolo de papel de musica.



«Vae para gritar-lhe:
Vem José, vem cá!»

Musico e pintor, não lhe faltava assumpto. Saía de madrugada, escolhia o trecho de charneca, o penedo musgoso, a nesga de choupana, que lhe falavam com maior ternura á sua alma de paizagista; compunha na palheta os tons brandos do céu amoroso, esboçava uns arvoredos, alegrava os quadros com tons vivos: uma aresta que o sol riscava na casca rugosa d'um pinheiro, uma trouxa de espuma iriada na roda negra d'uma azenha, um lenço vermelho de mulher, um tapete dourado de malmequeres n'um charco.

Na volta do caminho vem uma pastoriza fazendo meia e cantando. A toada é popular, sentimental. Depressa deixa os pinceis, tira o lapis, nota a canção.

Na estrada da vida assim vae pondo seus marcos feitos de côres e musicas, nas benditas horas em que o artista, julgando desencançar, faz seu trabalho mais fecundo.

Mas nem o quadro com seu claro-escuro, suas manchas rapidas de vida em flagrante, seus primeiros planos pormenorizados, seus fulvos tons de meio-dia ou véos de crepusculo, nem as notas, por muito que em tão pouco possam conter duas duzias de compassos, por mais recordações que um canto possa milagrosamente acordar, nem telas nem musicas repetiam ao artista o que sentira, o que sonhára, o que fora em horas quietas accumulando na phantasia prompta.

Faltava-lhe a palavra, que é como no diadema burilado o diamante que se engasta, que remata a obra. E por isso Alfredo Keil fez seus primeiros versos, a matar uma sêde de seu espirito de artista.

Sorrira n'aquelles campos, meditára nos altos da serra, sentira nos correjos silenciosos, em que a noite desce mais cedo, o calafrio do mysterio. Era força encontrar a palavra que desse enlevos, meditações, commoções profundas.



«Esfregava-se o cão de encontro ás negras
pernas do Soetor»

Nota da redacção

Os dois fins e delicados artistas cujos nomes encontramos associados n'este livro, que appareceu recentemente, foram ambos ceifados pela morte a curta distancia um do outro e a poucos dias da publicação do volume; e quer do primeiro na ordem fúnebre, Alfredo Keil, quer de D. João da Camara, o segundo, occupou-se já a *Illustração Portugueza* com o merecido interesse. Não podia desonerar-nos esta ultima circumstancia, porém, da obrigação litteraria de registar, pondo-a em especial relevo, a luxuosa edição, saída de uma das nossas primeiras casas typographicas, dos *Tojos e Rosmaninhos*.

O livro de versos de Keil, este mesmo livro que elle não teve a alegria de vêr completamente impresso, apesar do mais fervoroso desejo e vivo empenho, constituiu a ultima paixão artistica da sua vida. Falava d'ella a todos os amigos e simples conhecidos n'uma verdadeira enlevação da sua propria obra, que seria o depoimento de uma absoluta immodestia, se não representasse ingenuamente uma sympathica ternura pela idéa que creára e executára. Nunca tratára com tanto carinho, nunca se envidecera assim com qualquer das suas partituras ou qualquer dos seus quadros. Mas, tambem não admira, porque nos *Tojos e Rosmaninhos* Alfredo Keil collaborava, não só como poeta, mas tambem como pintor e como musico. Effectivamente elle compuzera musica para diversas das suas poesias, que quiz as acompanhasse litographada, e aguarellára tambem algumas das situações que cantára nos seus versos. O seu livro dava, por isso, testemunho indiscutivel das sua polyaptidões artisticas.

Para prefaciár os *Tojos e Rosmaninhos* o auctor convidára o seu amigo D. João da Camara, naturalmente por ser aquelle com o qual se encontrou em mais perfeita paridade de espirito e de sentimento. E na verdade o amor da natureza bucolica dos campos, no seu scenario singelo e pacifico, caracterisa por equal os dois artistas, devendo, por isso, entenderem-



«Vinha descendo pelas penedias uma linda moçoira...»

Em meio das festas populares, arraiaes, romarias, procissões, uma quadrinha maliciosa em bocca de serrana era nucleo em que elle ia enrolando o fio da inspiração com que havia depois de tecer suas estrophes.

Era luz o lindo olhar d'uma mulher sadia; sorriso, o dito pittoresco, commentario ao canto galhofeiro; lagrima, uma velha cruz a recordar n'um sitio ermo uma tragedia antiga.

O que elle sentira em sua alma, o que sentia o povo em suas alegrias e dôres, procurou exprimir em palavras. Com ellas quiz explicar seu trabalho de pintor e d'ellas fazer legenda a seus quadros; quiz que as notas de suas canções gemessem melancolicas ou brilhantes, vibrassem sobre as syllabas sonoras da nossa lingua, da lingua dulcissima falada pelas serranas que o inspiraram e logo fizeram d'elle um poeta.

D'ahi a composição d'este livro raro, em que Alfredo Keil se nos apresenta com todas as suas aptidões, em dois ramos d'arte como mestre victorioso, n'outro agora buscando uma nova consagração.

Mas o artista em tudo se revela. Se o pintor e o musico nos falaram já muita vez do poeta, é o poeta quem nos descreve paizagens da nossa terra, nos diz a poesia de suas canções.

JOÃO DA CAMARA.



«Viu no adro sair-lhe d'um ve. caanto
Uma triste, submissa
Velhinha, que uns oitenta já
contava.»



Em Pedrogam Pequeno

se maravilhosamente um ao outro. Foi naturalmente o que succedeu, como o mostra o simples e gracioso prefacio escripto por D. João da Camara, e que nos fizemos um agradável dever de transcrever acima, acompanhando com elle a reprodução de algumas das illustrações que enriquecem a linda edição do livro de Keil.

Quando escrevemos, aqui mesmo, de Alfredo Keil, accentuando quanto era fina e requintada a sua natureza artistica, excepcionalmente vibrante e entusiastica, notámos tambem que a



«Penedias por onde as cabras vão trepando.....»

sua obra creadora se resentia da dispersão do seu talento e do seu instincto predominante de dilettantismo. Poderia ter sido um grande musico ou um grande paizagista, se se tivesse clausurado em uma d'essas duas artes, para as quaes tinha igualmente uma incontestavel e espontanea vocação.

Mas isso não se coadunava com o feito caprichoso do seu talento artistico, e não estava na sua mão resistir ás seducções que alternadamente exerciam no seu espirito todas as manifestações do bello. Assim depois de ter feito a *D. Branca*, a *Trave* e a *Serrana*, depois de ter assignado os numerosos quadros que pintava tão prodigamente, Keil quiz tambem ser poeta e para isso rimou as paginas dos *Tojos* e *Rosmaninhos*. Seria uma lisonja inutil a um morto dizer que elle se revelou um grande poeta. Não revelou decerto, nem parece que pudesse vir já a sel-o. Contudo muitos dos seus versos lêem-se com agrado, e deixam-nos uma suave impressão de ternura e de paz, e n'este livro que tem um nome de flores silvestres elles constituem um complemento apropriado dos quadros das margens do Zezere e das melodias escriptas sobre motivos populares, com que o pintor e o musico liberalmente o enriqueceu, valorisando d'esse modo os productos da sua musa incipiente.



**COMPREM AS
Sedas suissas**

PEÇAM as amostras das nossas Sedas Novidades em preto, branco ou cor, de fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Especialidades: estofos de seda para trajes de passeio, de casamento, de baile e de *soirée*, assim como para blusas, forros, etc. Vendemos directamente aos consumidores as nossas sedas garantidas solidas e enviamol-as aos domicilios francezes de porte.

EXPORTAÇÃO DE SEDAS
SCHWEIZER & C.^a
Lucerne E. II. (Suissa)



SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos. Afirmozados. Fortificados com as **"Pílulas Orientales"**

O unico producto que em dois meses assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar damno algum a saúde. — Aprobado pelas notabilidades medicas.
J. Ratié, Pharmacien,
5, passage Verdun, Paris.
Frasco com instruções réis 150 francos, para valle do correio enviado a 2.
J. P. Basset & C.^a 35, Rua Augusta, Lisboa.

DISPONIVEL

**Companhia
***** DO *****
Papel do Prado**

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada
Proprietaria das fabricas do Prado, Marianas e Sobretirinho (Thermis), Fene-de e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Alberga) e garia-a-Velha. ***

Escritorios e depositos ***
LISBOA—270, Rua da Princesa. 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto—Lisboa. N.º telephon. 608

**ALIMENTO DELICIOSO!
BANANINE MIALHE**
Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
Farmacia del Dr. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

As GOTTAS CONCENTRADAS de
FERRO BRAVAIS
São o mais efficaz remedio contra **ANEMIA**
CHLOROSE, CORES PALLIDAS
Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os meilicos do mundo.
Não constipa o ventre. Não enregelce os dentes — Não enlamea a SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELLEZA
Indispensavel nas Interações.
Se se vende em GOTTAS e em PILLULES
F. GOTTSCHE
Tous Paris-joias en Orgerias — Brancos: 130, Rue Lafayette, PARIS.

BELEZA DO ROSTO 1890
O LEITE ANTEPHELICO ou Leite Candês
para ou misturado com agua, dissipa
Pimples, Traz Crestada, Puntias-Rubras, Borbulhas, Rostoz Brevolubuto, Furunculoz, Mugas, Conserveva a cutis e clarifica.
1890
BELEZA DO ROSTO 1890
O LEITE ANTEPHELICO ou Leite Candês
para ou misturado com agua, dissipa
Pimples, Traz Crestada, Puntias-Rubras, Borbulhas, Rostoz Brevolubuto e Furunculoz, Mugas e clarifica a cutis, lava e clarifica.
1890

NOVO DIAMANTE AMERICANO
A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 15000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 15000 rs. Todas estas joias são em prata ou ouro de 18.
hã confundir a nossa casa.
96, RUA DE SANTA JUSTA, 96 (junto ao elevador) LISBOA

Livraria da Casa Andrade
DE 52, Rua Maciel Pinheiro, 52
Paula & Andrade Parahyba do Norte **BRAZIL**
Aceita consignação de livros e revistas de qualquer paiz

DISPONIVEL

DISPONIVEL

A EQUITATIVA DOS Estados Unidos do Brazil

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

Filial em Portu-
gal:

L. de Camões

N.º 11, 1.º

LISBOA

AGENCIAS

NAS

*Principaes cidades, villas
do reino,
Madeira, Açores e provincias
ultramarinhas*

PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DE PORTUGAL

Julio Marques de Vilhena

CONSELHEIRO D'ESTADO

Filial em Hespa-
nha:

Calle de Alcalá

12

MADRID

Extracto do ultimo balanço de 30 de junho de 1906:

Negocios realizados	750.000:000\$000
Novos negocios propostos (1905-1906)	90.853:809\$939
Reserva e Garantias	10.647:572\$618
Receita annual (1905-1906)	2.954:467\$417
Excedente da Receita sobre a Despeza (id.)	1.505:848\$809
Sinistros pagos	3.761:245\$024
Apolices sorteadas	641:000\$000

Succursal

NO

PORTO

R. dos Carmelitas

N.º 100, 1.º

A Equitativa dos Estados Unidos
do Brazil

é incontestavelmente a mais solida
das sociedades de seguros mutuos sobre a vida
da America do Sul

Séde Social

NO EDIFICIO DA SUA PROPRIEDADE

Avenida Central n.º 125, RIO DE JANEIRO

**SEGUROS DE VIDA, RENDAS VITALICIAS
E DOTAÇÕES INFANTIS**

REMETTEM-SE INFORMAÇÕES E TABELLAS SOB PEDIDO

Succursal

EM

BARCELONA

Calle Pelayo

20